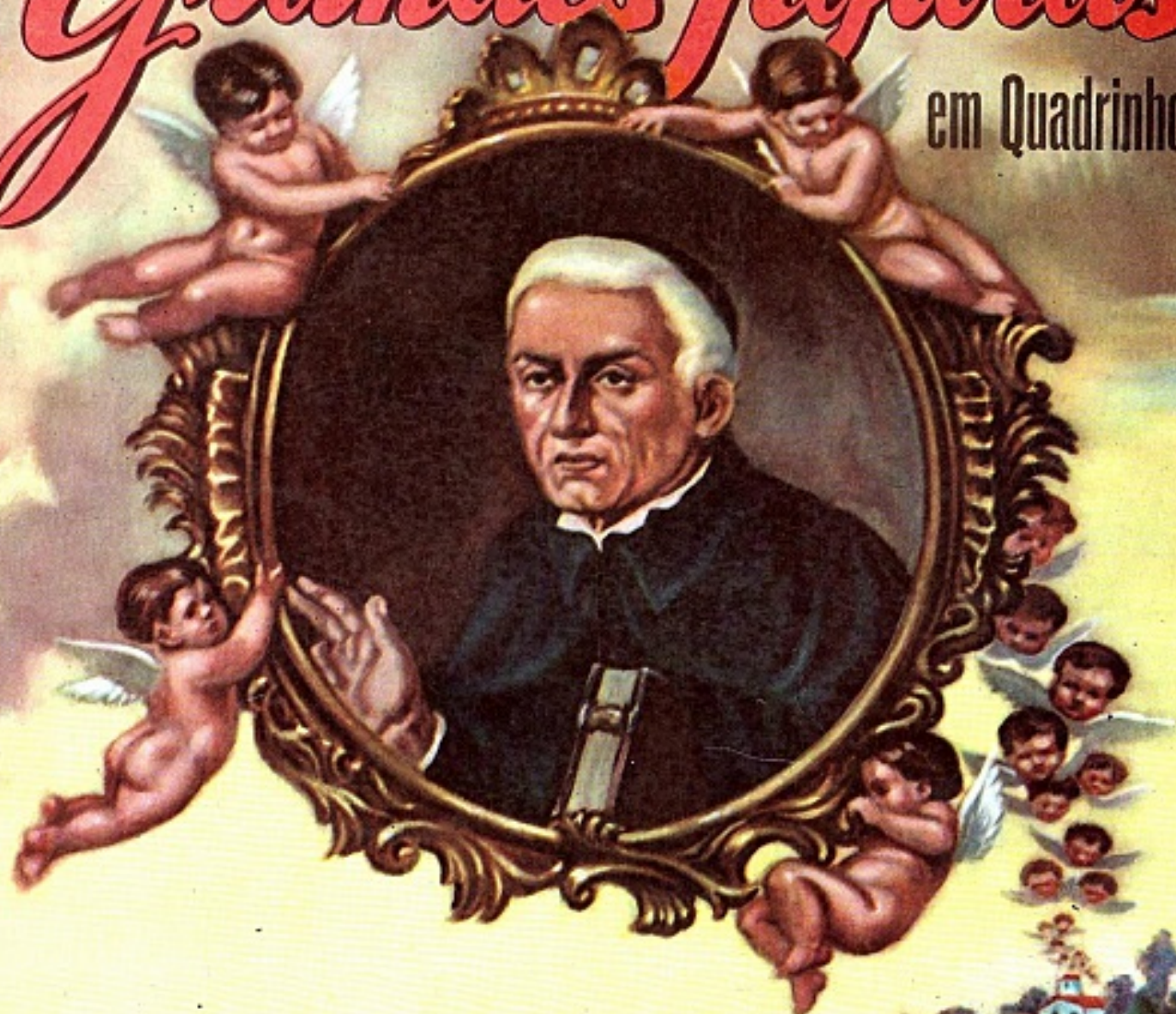
EBAL
PARA TODAS AS IDADES
GRANDES FIGURAS - 5
Grandes Figuras
em Quadrinhos
Anchieta
O Catequista das Selvas
scan by R. Castelo
www.guiaebal.com

ANCHIETA, SANTO

Por DANTON JOBIM, Diretor do "Diário Carioca" e Presidente da Comissão Nacional Pela Canonização de José de Anchieta.

(Especialmente escrito para esta Edição)

ANCHIETA foi o primeiro mestre-escola do Brasil. Na aldeia de Piratininga ele ensinava a ler, escrever e contar aos curumins, enquanto lhes dava as lições de catecismo. Por isso é justo que as crianças do nosso país se lembrem de Anchieta na hora em que se pede ao Papa que consinta em que ele figure nos altares, para receber o culto popular.

Não são somente os católicos brasileiros que aplaudirão a decisão de Roma que inclua no calendário da Igreja o dia de S. José de Anchieta. O Brasil é a mais populosa nação católica do mundo e é natural que esta comunidade de 75 milhões de almas aspire a ser admitida, através de um santo brasileiro, entre aquelas que já foram honradas com a canonização de alguns de seus filhos.

Esta justíssima aspiração, no entanto, pesará pouco no ânimo do Sumo Pontífice e dos que estudam o processo multissecular de Anchieta. Antes de curvar-se a argumentos de ordem política, Roma costuma pesar objetivamente as virtudes e os feitos dos que são indicados à suprema honra de figurar nos templos entre os eleitos do Senhor. Sua tarefa não é a de criar Santos no calendário, mas descobrir os traços de santidade nos homens que se notabilizaram pelo seu heroísmo na sustentação da Fé. Os santos fazem-se pelas ações e pela graça divina; o povo cristão os aceita e proclama como tais, até que a Igreja se move, em processo rigoroso, para confirmar ou não a crença popular.

Esperemos pacientemente o veredito da Igreja sobre a santidade do nosso Anchieta, no termo de processo tradicional, segundo as formas canônicas. Isto não impedirá, por certo, que o país inteiro se erga numa súplica, ao Santo Padre, em favor da canonização do Apóstolo do Brasil.

Nem se diga que escolhemos um sacerdote estrangeiro para inculcá-lo à beatificação. Anchieta era oriundo das Canárias, mas aos quatorze anos foi para Portugal, onde estudaria até os vinte e de onde viria para o Brasil. Aqui, na Terra de Santa Cruz, passou mais de 40 anos de seus 64 de existência terrena.

A circunstância de haver ele nascido fora do Brasil, em nada deve contribuir para que o não tenhamos como um santo brasileiro. Anchieta, o Pajé-guaçu, está nas raízes desta Pátria. Trouxe de Portugal para este país a semente de uma cultura que germinou e se tornou em árvore. Seu berço é Tenerife, mas isto em nada contribuiu para desfigurar o legado cultural de que se fez depois depositário ao trasladar-se para o Novo Mundo.

Anchieta foi o nosso primeiro professor, o nosso primeiro médico, o nosso primeiro naturalista, o nosso primeiro teatrólogo, o nosso primeiro lingüista, o nosso primeiro poeta.

Quem foi o primeiro a assistir os índios em suas enfermidades, com os pobres conhecimentos da medicina européia, em 1500?

Quem o autor da "Dissertação sobre a História Natural do Brasil, no século XVI"?

Quem escreveu, então, as "Conversações ou Comédias"? E a "Gramática da Língua Mais Usada no Brasil"?

Quem contou com elegante simplicidade a "Vida dos Religiosos da Companhia de Missionários do Brasil"? Finalmente, quem nos deixou esse admirável "Poema em Louvor da Virgem Nossa Senhora", no primeiro século após a Descoberta?

Trabalhemos, pois, para que Anchieta seja beatificado e canonizado pela Igreja. Que cada menino brasileiro e cada professora se convertam em soldados da Grande Campanha Nacional que vem sendo promovida pelo *Diário Carioca*, com apoio de todos os Bispos do Brasil.

Paulo VI, o Santíssimo Padre, admira o rico pergaminho que contém a Carta Postulatória do Governo Brasileiro pedindo que Sua Santidade coloque sob sua proteção a Causa da Beatificação e Canonização do Venerável Padre José de Anchieta. Na foto, o Embaixador Especial do Presidente do Brasil, Professor Danton Jobim, exibe o documento ao Papa. Presentes, à esquerda do Pontífice, o Embaixador do Brasil junto à Santa Sé, Sr. Sousa Gomes, e os jornalistas Victor Zappi e Flávio Cavalcanti, que assistiram à audiência.

O POÇO MILAGROSO DE ANCHIETA

A fonte milagrosa de Magé foi reaberta ao público depois de quase quatro séculos, em solenidade que contou com a presença dos representantes da Santa Sé, da Espanha e de Portugal.

EM MAGÉ, o Poço Milagroso de Anchieta (assim chamado porque, segundo a tradição, foi abençoado pelo venerável Apóstolo do Brasil em meados do Século XVI e a cujas águas são atribuídas curas milagrosas) foi reaberto ao público em solenidade que se realizou, naquela cidade fluminense, no dia 5 de abril de 1964. A cerimônia, um vibrante ato de fé, fez parte de uma campanha nacional pró-canonização do grande missionário, cujo processamento, iniciado há séculos, acelerou-se ùltimamente em Roma, por intercessão do nosso Governo.

A primeira cerimônia foi uma sessão solene no edifício da Prefeitura e Edilidade de Magé, agora denominado "Palácio Anchieta". Esta solenidade, como as demais dessa data, tiveram a presença de autoridades civis e eclesiásticas, salientando-se, entre elas, além do Prefeito e legisladores do Município e do Jornalista Danton Jobim, Presidente da Comissão Nacional Pró-Canonização de Anchieta, o Núncio Apostólico D. Armando Lombardi, como representante de S.S. Papa Paulo VI, e os Embaixadores de Portugal e da Espanha, respectivamente Srs. João de Deus Ramos e Jaime Alba.

Nessa ocasião, D. Armando Lombardi enalteceu as virtudes de Anchieta e elogiou os brasileiros, pela fé e pertinácia com que defendem a santificação do famoso catequista.

A solenidade na Câmara encerrou-se com o "Hino à Anchieta", de autoria de D. Aquino Corrêa, interpretado pelos alunos do Grupo Escolar de Magé.

Aspecto da inauguração do Poço de Anchieta, em Magé, no dia 5 de abril de 1964.

Missa Campal no Poço Milagroso

Logo após, grande cortejo de carros se dirigiu ao local onde fica o poço, na Estrada da Piedade.

Sob aclamações, o representante da Santa Sé cortou a fita simbólica que barrava o portão de acesso ao Santuário e à clareira em que se erguia o altar de concreto armado. Ali, após a inauguração do Nicho à Virgem, o Padre João Casaro, Vigário da Matriz de Nossa Senhora da Piedade de Magé, celebrou a Missa Campal consagradora da reabertura do poço.

Uma placa de bronze, encoberta com a Bandeira Nacional, foi descerrada pelos Embaixadores da Espanha e de Portugal. Apresentava a seguinte inscrição:

> "Aqui, neste lugar, abençoado há quatro séculos pelo Venerável Padre Anchieta, Espanha e Portugal se unem na veneração comum ao Apóstolo do Brasil. Magé, 1964".

Falou, também, durante a celebração do ofício divino, o Padre Hélio Abranches Viotti, promotor do movimento pró-beatificação de Anchieta.

Terminada a missa, o Padre João Casaro exortou os presentes a entoarem o Hino em Louvor à Nossa Senhora de Fátima.

Oradores

Diversos oradores se fizeram ouvir após a missa.

O Jornalista Danton Jobim, Diretor do "Diário Carioca" e Presidente da Comissão Nacional Pró-Canonização de Anchieta, agradeceu o apoio recebido do Núncio Apostólico, dos Embaixadores da Espanha e de Portugal e de todos que se solidarizaram com o movimento, acentuando que êste interessava a toda a Nação. Por fim, rememorou as palavras animadoras do Santo Padre sobre a possibilidade de se apressar o processo de canonização de Anchieta.

E o Embaixador de Portugal afirmou em sua oração:

— Tão grande é a figura de Anchieta, meus senhores, que, na justa exaltação dela, se exaltam também os nossos três países — Brasil, Espanha e Portugal. São, na verdade, vidas como as do célebre jesuíta, do seu mestre Padre Manuel da Nóbrega e de tantos dos seus heróicos companheiros de Missão, que fazem a glória da Companhia de Jesus, a grandeza do Cristianismo e a honra das pátrias em que nasceram, se formaram e viveram.

Dirigindo-se ao povo de Magé, disse o Sr. Jaime Alba, representante da Espanha:

— É grande minha satisfação por poder homenagear um compatriota que tanto contribuiu para a evangelização dos primitivos habitantes da América e para a formação cristã desta grande nação brasileira, deixando, com o exemplo de uma vida piedosa, de enormes sacrifícios, lembranças tão profundas de sua passagem pela terra de Magé, onde, após quatro séculos, a recordação dos atos desse sacerdote é tão viva, como se recente fosse.

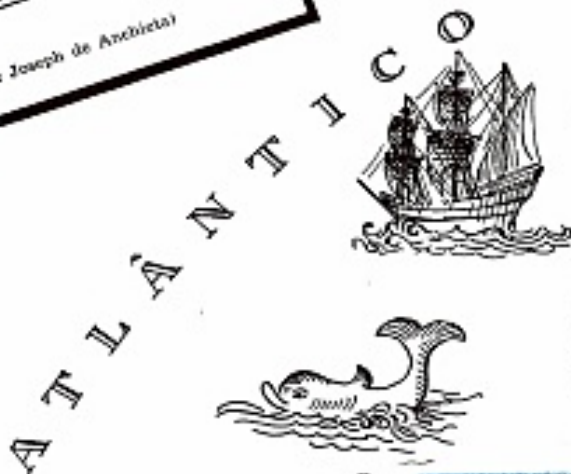
ANCHIETA

O Catequista das Selvas

(Assinatura do Padre Joseph de Anchieta)

OCEANO ATLÂNTICO

PORTUGAL

ESPANHA

Arquipélago das Canárias

Tenerife

ÁFRICA

Nas costas da África, em pleno Oceano Atlântico, existe um punhado de ilhas até hoje conhecidas como o Arquipélago das Canárias. Numa delas, a Ilha de Tenerife, em São Cristóvão da Laguna, nasceu, em 19 de março de 1534, José de Anchieta, que, anos mais tarde, viria a ser o Catequista das Selvas, Apóstolo do Brasil. Foi ele batizado no dia 7 de abril seguinte. Seu pai, João de Anchieta, natural de Guipúzcoa, na Espanha, descendia da nobre família dos Anchietas; a mãe, D. Mência Diaz de Clarijo Llarena, era filha de Sebastião de Llarena, sobrinho do Capitão D. Fernando de Llarena, um dos primeiros conquistadores de Tenerife.

Quadrinização das Legendas por
EDUARDO BARBOSA
Desenhos de Texto e 1.ª Capa de
NICO ROSSO
Desenho da Última Capa de
RAMÓN LLAMPAYAS
★

Da infância de José, sabemos que, desde cedo, deu ele mostras de uma piedade exemplar e de grande amor aos estudos. Ao completar quatorze anos, seu pai chamou-o e disse-lhe . . .
José, sei que não tens nenhum amor pela carreira das armas e que no estudo encontras a tua verdadeira vocação . . .
É verdade, meu pai.
Pois bem. Como presente de aniversário, vou mandar-te, em companhia do teu irmão mais velho, para a Universidade de Coimbra. Queres? . . .
Esse foi sempre o sonho que acalentei, meu pai.
E, assim, numa bela manhã ensolarada do ano da graça de 1548, acenando para os seus que ficavam no cais, partiu o menino José para Coimbra. Permaneceu ele na amurada do barco até ver sua amada Ilha de Tenerife desaparecer na linha do horizonte . . .
A Universidade, fundada pelos Reis de Portugal, estava, então, em grande esplendor. O Colégio das Artes, a ela pertencente, seria confiado aos Padres da Companhia de Jesus.
Padre, gostaria que o senhor fosse o meu confessor . . .
Assim seja, filho.
Anchieta em breve era conhecido em todo o Colégio como o "Canário", pelo primor das composições e dos versos latinos que escrevia.
Ei, "Canário" Aquele seu poema sobre Maria é verdadeira obra-prima . . .
É que a Ela me consagrei e nada mais faço do que expressar, dessa maneira, o meu amor por Ela!
Com o passar dos dias, sentia-se Anchieta cada vez mais atraído para a vida religiosa. Aproveitava todos os seus momentos livres para a leitura dos relatos dos missionários de regiões distantes. Queria consagrar-se ao serviço do Senhor e trabalhar para a salvação das almas em terras de infiéis . . .
Para o ano, poderás tomar o hábito de noviço . . .
Mal posso esperar tanto tempo, senhor . . .
Assim, a primeiro de maio de 1551, o noviço José de Anchieta foi recebido de braços abertos na Companhia de Jesus.
Agradeço-Vos, Maria, esta graça!

Alguns meses depois. . .
Irmão José, cuidado com a escada!
Anchieta sofria resignado, mas angustiava-lhe o coração o receio de ser despedido da Companhia. O Padre Simão Rodrigues, um dos primeiros companheiros de Inácio de Loiola, vinha observando a tristeza constante do noviço. Vendo-o, certo dia, cabisbaixo, disse-lhe...
José, meu filho, deixai de lado essa tristeza, pois Deus vos quer mesmo aleijado . . .
Eu temia que estivesse imprestável para o serviço de Deus.
Deus escreve certo por linhas tortas . . . Não tendes fé, irmão? . . .
Nunca foi ela maior do que neste momento! Deus seja louvado!
Mas Anchieta não pode livrar-se e a pesada escada lhe caiu sobre as costas, deformando-o para o resto da vida.
Desde o acidente, a saúde de Anchieta ficara combalida. A conselho dos médicos, os Superiores da Companhia resolveram mandá-lo para o Brasil, que se dizia terra muito saudável.
A 8 de maio de 1553 deixava o Tejo o terceiro socorro de missionários que a Companhia de Jesus enviava ao Brasil, depois de 1549. Em companhia do segundo Governador-Geral do Brasil, D. Duarte da Costa, seguiam os Padres Luís da Gran, Superior, Brás Lourenço, Ambrósio Pires e os irmãos Antônio Blasques, Gregório Serrão, João Gonçalves e José de Anchieta.
Escrevera Nóbrega em 1552 a D. João III, pedindo gente para o Brasil. Deus mandava-lhe, juntamente com tantos operários dedicados, aquele que haveria de amá-lo acima de tudo, consagrando-lhe quase meio século de existência e de apostolado.
Dois meses depois, isto é, a 13 de julho de 1553, chegava José de Anchieta com seus companheiros a Salvador.
Que terra bela e grandiosa!

Em outubro do mesmo ano, partiram da Bahia José e outros Irmãos, com o Padre Leonardo Nunes, que viera de São Vicente para os buscar. Embarcaram em duas naus e despediram-se da terra que já começava a amar...
Na altura dos Abrolhos, violenta tempestade se desencadeou, fazendo com que uma das naus fosse a pique e a outra, em que ía Anchieta, ficasse presa durante toda a noite no meio dos recifes, abundantes naquela região...
Virgem Santíssima, confio-Vos os nossos destinos.
No dia seguinte, tendo descido à praia à procura de alimentos, encontraram uma aldeia de índios pacíficos. Numa das choças, havia uma indiazinha à morte...
Eu te batizo com o nome de Santa Mártir Cecília, em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo. Amém.
Era o dia 21 de novembro, dia de Santa Cecília.
Tendo conseguido livrar a nau dos recifes, os marinheiros levaram-na para a foz do Rio Caravelas, onde a consertaram com os destroços da outra naufragada. Os missionários, que haviam tocado antes em Ilhéus e Porto Seguro, pararam ainda em Espírito Santo e, na véspera de Natal, lançaram ferro em São Vicente.
Que terra maravilhosa! Sinto que aqui está o meu destino...
Santo Inácio acabava de elevar o Brasil a província da Companhia de Jesus, e um dos primeiros cuidados do novo Provincial, Padre Manuel da Nóbrega, era prover à formação dos futuros missionários. Depois da Epifania, determinou Nóbrega a construção de uma casa de estudos nas planícies de Piratininga.
Padre Manuel de Paiva e Irmão Anchieta, entrego-vos esta casinha para que inicieis o apostolado entre o gentio, os noviços e os alunos externos...

Mais tarde, escrevendo aos seus superiores, dizia Anchieta...

Aqui se fez uma casinha de palha com uma esteira de cana por porta. As camas são redes que os índios costuram, os cobertores, o fogo...

"A primeira missa foi celebrada no dia da conversão de São Paulo, em um altarzinho que para isso se aparelhou, porque não havia ainda igreja; por esta causa, dedicou-se aquela casa a São Paulo e tem seu nome".

Anchieta e os outros missionários ajudaram os índios a trazer do mato, às costas, a madeira para construir a igreja e as habitações de Piratininga. Ensinaram aos selvagens os ofícios de carpinteiro, pedreiro e ferreiro. Foi assim o começo de São Paulo, a grande cidade cujo progresso é hoje o orgulho do Brasil.

Não, não, não ... Essa viga tem que ficar mais firme, para maior segurança da construção ...

Para atrair os índios às suas aulas de catecismo, Anchieta improvisou um palco no terreiro do Colégio, onde fazia representar comédias por ele mesmo escritas em tupi e em português, para que fossem compreendidas pelos selvagens e pelos colonos. Só os homens representavam.

Certa vez, no meio da representação de uma dessas comédias, houve ameaça de desabar um forte aguaceiro. Vendo que tanto colonos como indígenas iam retirar-se temendo a tempestade, Anchieta ergueu a mão e disse...
Tenham calma! Tenham calma! A chuva só cairá quando terminar o espetáculo!

A representação durou três longas horas. Somente depois de terminada foi que desabou o temporal...
Até parece milagre de santo...

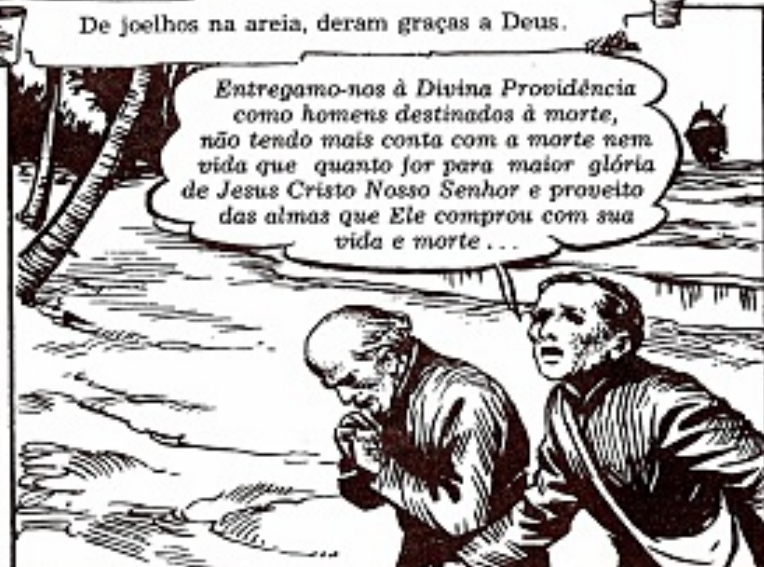
Em dezembro daquele mesmo ano de 1554, os Irmãos Pedro Corrêa e João de Souza, que andavam em missão de pacificação, foram martirizados pelos índios carijós.
Bendito seja o Senhor! Agora cremos que Ele quer fundar aqui a sua Igreja, pois lavra pedras desta maneira para o fundamento...

Além das dificuldades que encontravam os missionários na rudeza dos selvagens, tinham que lutar contra seus vícios de embriaguez e de antropofagia.
Isso é bebida do demônio! Glória a Nosso Senhor Jesus Cristo!
Não zombeis da ira do Senhor, hereges!

Para salvar da morte um prisioneiro, Anchieta e Nóbrega não vacilam em afrontar a cólera de Martim Afonso de Melo, o morubixaba, cortando as cordas que o prendiam ao poste do sacrifício. Irado, Martim Afonso de Melo chama seus guerreiros, mas a poderosa eloqüência de Anchieta os faz mudar de idéia. Os índios retrocedem...

Ainda em 1554, sofreu Piratininga um assalto de índios inimigos. Os defensores da vila fugiram tomados de terror. Uma índia que já era batizada foi quem salvou a vila de massacre iminente...
Façam o sinal da Cruz, que o Padre José nos ensinou. Com ele afastaremos o medo e seremos imunes ao ataque dos nossos inimigos...
Reanimados pela fé daquela índia, os defensores em pouco tempo desbarataram os inimigos.
Colonos de todas as partes afluíam para Piratininga, matriculando seus filhos no Colégio dos Jesuítas.
Padre José, quero que meu filho aprenda o catecismo e as letras...
Ele aprenderá muito mais: aprenderá a amar a Deus!
A 15 de março de 1555, escrevia Anchieta aos seus superiores na Europa...
Estamos, como lhes tenho escrito, nesta aldeia de Piratininga, onde temos uma grande escola de meninos, filhos de índios, ensinados já a ler e a escrever. Aborrecem muito os costumes de seus pais e alguns sabem ajudar a cantar a missa. Estes são nossa alegria e consolação, porque seus pais não são mui domésticos, posto que sejam mui diferentes dos das outras aldeias, porque já não matam nem comem os contrários, nem bebem como dantes.
Um dos maiores obstáculos com que os jesuítas se depararam foi em Santo André da Borba do Campo. Mamelucos, descendentes de João Ramalho, irritavam o orgulho dos índios.
Sois uns covardes em obedecer aos jesuítas, que são estrangeiros... Uni-vos a nós, filhos da terra como vós!

Expulsemos daqui os jesuitas, que nos querem escravizar! . . .
Anchieta ouvia a arenga dos provocadores, sorria com bondade e se afastava . . .
Tais provocações, aliadas à cobiça dos mamelucos, tornavam bem aceita a aliança que aos tamoios vinham oferecer os franceses que, sob o comando de Nicolau de Villegaignon, arribaram no ano de 1555 à baia do Rio de Janeiro, para aí estabelecer uma colônia.
A aliança que vos oferecemos será por demais proveitosa . . . Podereis expulsar para sempre os jesuitas de vossas terras . . .
Com a chegada de Mem de Sá à Bahia, em 1558, a situação se modificou. O novo Governador do Brasil, em 1560, tendo recebido reforços de Portugal, à frente de uma esquadra de dois navios e muitos barcos de índios, e com o apoio de Nóbrega e Anchieta, expulsou os franceses das terras brasileiras.
Agora podereis exercer o vosso santo mister sem preocupações, pois os franceses não voltarão mais a persegui-los . . .
Agradecemos a Deus e à Vossa Senhoria tamanha graça.
A paz voltará a reinar entre o gentio . . .
A vitória contra os franceses aliviara um pouco os ânimos, mas, com a retirada de Mem de Sá, recomeçaram os bárbaros as suas incursões. Um perigo ainda maior, entretanto, ameaçava a obra dos missionários: era a aliança que abrangia todos os índios do Rio e de São Vicente, conhecida na história do Brasil como a Confederação dos Tamoios.

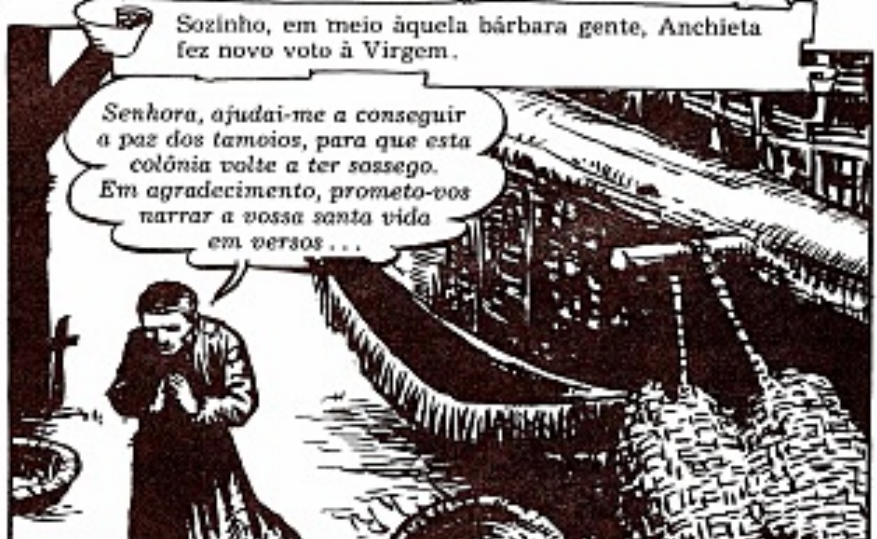
Maria, não deixeis que a obra de vosso amado Filho seja destruída por estes bárbaros sem fé . . .
Por esse tempo, já deixara o Padre Nóbrega o cargo de Provincial, que passou a ser exercido pelo Padre Luís da Gran. Dois anos se passaram sem solução para a crise que ameaçava a obra da Companhia de Jesus. Em 1563 o Padre Nóbrega ofereceu-se às autoridades para tentar o ajuste da paz com os tamoios, o que foi aceito.
Irmão José, gostaria de levá-lo como companheiro e intérprete nesta perigosa missão que, se não for bem sucedida, nos concederá, ao menos, a graça tão suspirada do martírio . . .
É esta uma notícia de grande alegria para mim. Esperamos que por ali se nos abrirá alguma porta para ganhar muitas almas ao Senhor . . .
Em fins do mês de abril de 1563, cheios de santa ousadia, partiam Manuel da Nóbrega e José de Anchieta no navio do genovês José Adorno, e aos 4 de maio chegavam às praias de Iperoig, atual Ubatuba.
De joelhos na areia, deram graças a Deus.
Entregamo-nos à Divina Providência como homens destinados à morte, não tendo mais conta com a morte nem vida que quanto for para maior glória de Jesus Cristo Nosso Senhor e proveito das almas que Ele comprou com sua vida e morte . . .
Hospedaram-se na casa do morubixaba Caoquira e construíram uma capelinha, na qual se disse a primeira missa no dia 9 de maio.

A eloqüência fácil e encantadora com que Anchieta ensinava os mistérios da fé, a caridade e a santidade que resplandecia naqueles dois homens extraordinários, logo lhes fizeram converter muitos corações selvagens . . .
Eu quero ser batizado, Padre . . .

No dia 24 de maio chegavam à praia de Iperoig duas canoas trazendo os tamoios do Rio de Janeiro chefiados pelo Cacique Pindobuçu, que queria ter a honra de matar os emissários dos portugueses.
Eu os matarei, pois não temo os portugueses . . .
Não tememos a morte, Pindobuçu, pois tudo fazemos para não ofender a Deus . . .

E Anchieta continuou falando, abrandando o furor homicida do índio, que se converteu em amigo e protetor dedicado dos Padres.

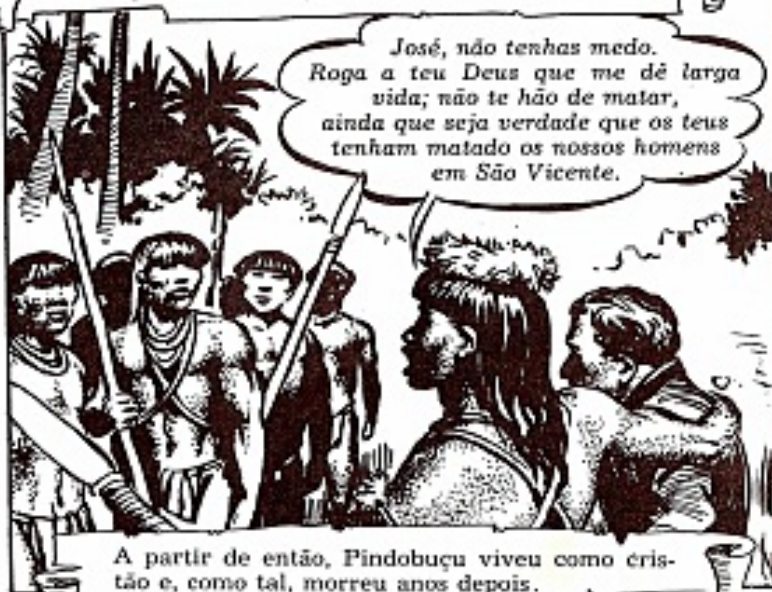
Dois meses já permaneciam eles entre os índios, como reféns, e a paz ainda não se tinha decidido.
É necessário que um de nós volte à cidade, Irmão José, para dar conta do que aqui se passa.
Eu ficarei com os tamoios, Padre, pois sei que eles não me causarão nenhum mal . . .

Decidida a questão, Nóbrega partiu para São Vicente.

Sozinho, em meio àquela bárbara gente, Anchieta fez novo voto à Virgem.
Senhora, ajudai-me a conseguir a paz dos tamoios, para que esta colônia volte a ter sossego. Em agradecimento, prometo-vos narrar a vossa santa vida em versos . . .

Certo dia, impacientes com a demora dos emissários portugueses para firmar a paz, os índios cercaram o Apóstolo...

José, farta-te de ver o sol!

Haveremos de te matar, se não vier resposta dos teus...

Não vos canseis... eu sei muito bem que vós não me haveis de matar...

Entretanto voltou vivo o guerreiro de Aimbiré, contando como tinham sido carinhosamente recebidos pelo Padre Nóbrega e que as pazes estavam assentadas e confirmadas, depois que índios e portugueses se tinham abraçado publicamente na Igreja.
Sabendo da celebração da paz, os índios embarcaram com o Apóstolo em uma frágil canoa e rumaram para São Vicente, onde chegaram a 21 de setembro. Cunhambebe, outrora tão feroz, estava convertido e muito afeiçoado a Anchieta.
Agradeço-vos, ó Virgem, o ter-me conservado a vida, para que eu glorifique ainda mais o Senhor!
Aproveitou Anchieta, então, os breves dias de descanso para transladar da memória para o papel os 5 000 versos elegíacos latinos, dos seus puros afetos para com a Mãe de Deus.
Eloquar? An silem, Sanctissima Mater Jesu?
* Falar? Ou silenciar, Santíssima Mãe de Jesus?
Sabida em Portugal a cessação da luta com os tamoios, D. Catarina, que governava o Reino na menoridade de D. Sebastião, enviou ao Brasil Estácio de Sá, com ordens para o Governador Mem de Sá, seu tio, desalojar definitivamente os franceses e estabelecer uma cidade às margens da baía de Guanabara...
No mês de fevereiro de 1564 fundeava o Capitão-Mor no Rio. Chamou Nóbrega e Anchieta em seu auxílio.
Preciso da ajuda dos senhores para expulsar, de uma vez, os franceses do Brasil...
Faremos tudo para a maior glória de Deus, contra a excomungada seita de Calvino...

Anchieta acompanhou grande parte desta empresa com seus conselhos, exortações e trabalhos. Descreve-a assim.
Bem mostrou Nosso Senhor que o Padre Nóbrega foi regido em tudo isto por seu Divino Espírito nas muitas e insignes vitórias que, por misericórdia, tão poucos cristãos portugueses e brasis houveram de tanta multidão de tamoios ferocíssimos, acostumados de tantos anos a ser sempre vencedores, e alguns franceses luteranos que consigo tinham.
Depois de concluida a paz solicitada pelos indígenas, Anchieta foi para a Bahia em 31 de março de 1565. Ia receber Ordens Sacras e informar o Governador-Geral dos sucessos da guerra.
Lá chegando, foi ordenado pelo terceiro Bispo do Brasil, D. Pedro Leitão, seu antigo conhecido de Coimbra.
É uma grande consolação rever o velho amigo . . .
Partindo da Bahia em novembro de 1566, a 18 de janeiro do ano seguinte Mem de Sá entrava com uma armada na Guanabara, acompanhado por Anchieta, pelo Bispo e pelo Padre Visitador.
Que São Sebastião e a Virgem nos auxiliem a expulsar os franceses da Guanabara . . .
Os portugueses atacaram no dia do padroeiro da cidade. A resistência dos inimigos foi dura e, apesar de vitoriosos, tiveram os portugueses o desgosto de ver gravemente ferido Estácio de Sá, que veio a falecer um mês depois . . .
Que Deus o tenha em sua Glória!

Terminada a guerra, partiram José de Anchieta, Luis da Gran e Inácio de Azevedo com o Bispo, para a visita da Capitania de São Vicente.
Vossa Reverendíssima verá o grandioso trabalho da Companhia de Jesus nesta São Paulo de Piratininga . . .
Pelo que já observei, José, você e Nóbrega são a alma da Companhia nesta Colônia...
Foi nessa ocasião que uma índia acercou-se de Anchieta e ofereceu-lhe duas velas . . .
Para que são estas velas, irmã índia? . . .
Para que o senhor diga missa por mim quando eu for santa.
Pouco depois, os tamoios de Cabo Frio assaltaram os arredores de São Vicente e levaram a índia cativa.
Padre José, Padre José! Não esqueça o meu pedido!
Passaram-se os dias e, certa manhã, Anchieta acendeu as duas velas e disse missa por uma santa mártir, pondo na oração o nome da índia.
Que santa é essa, que eu não conheço, Padre José? . . .
É aquela índia virgem que acaba de ser martirizada pelos tamoios . . .
E como o sabeis, se os tamoios estão a mais de trinta léguas de distância? . . .
Foi a Virgem quem me revelou o caso . . .
Com a chegada de alguns colonos e bandeirantes a São Vicente, foi confirmada a notícia do martírio, que fôra testemunhado por alguns homens que acabavam de regressar . . .
É fato! Eu presenciei o martírio daquela índia. Ela preferiu morrer nas mãos do chefe da tribo, a renegar sua religião e sua virgindade . . .

Em 1567, Padre Anchieta foi nomeado Superior do Colégio de São Vicente. Esta Capitania, que desde 1554 lograra as primícias dos trabalhos apostólicos do grande missionário, ia agora, por dez anos consecutivos, ser teatro da sua atividade.

Assistia continuamente Anchieta aos colonos e aos índios dos povoados com santos conselhos, com a pregação e com os Sacramentos.

Deus nos ensinou que todos os homens são irmãos . . . Portanto, façam as pazes e nada mais de brigas, ouviram? . . .

Sim, Padre. Não brigaremos mais. Seremos amigos.

"... perigos de inimigos de que algumas vezes por providência divina têm escapado..."
"...frio, especialmente na Capitania de São Vicente, no campo, onde já por vezes se acharam índios mortos de frio, e assim acontecia muitas vezes, ao menos aos princípios, a maior parte da noite não poder dormir de frio nas matas por falta de roupa e de fogo, porque nem calça, nem sapato havia..."
"Vivem nas aldeias de que os mesmos têm cargo, como em comunidade, em umas casas mui grandes... cento e duzentas pessoas, maridos, mulheres e filhos, não há entre eles todo o ano queixas nem falsidades..."
"São modestos de seu natural e andam mui direitos... São devotos e os que comungam derramam muitas lágrimas quando o fazem, e muito da comunhão há muitas coisas edificantes..."
"Ouvem missa cada dia sem faltar, com modéstia e devoção, e ora de joelhos, ora de pé, com as mãos sempre estendidas para o céu e são tão afeiçoados à igreja e culto divino que estariam ali todo o dia".
"Os filhos dos índios aprendem com os nossos padres a ler e escrever, contar, cantar e falar português e tudo tomam muito bem..."

Somente a caridade do Apóstolo, coadjuvada por seus irmãos e sustentada pelo influxo sobrenatural da religião, poderia transformar assim as almas daqueles filhos das selvas...
Lá vai o nosso grande benfeitor, o Padre José...
Com sua reza, ele salvou meu filho...

Certo dia, vendo Anchieta que na vila de Santos preparavam-se dois navios para dar caça aos índios, interpôs a gente do Governo para impedir tal injustiça e levantou a voz do púlpito contra tal crueldade...
Que os divinos castigos caiam sobre a cabeça de todos aqueles que se atreverem a maltratar esses pobres filhos de Deus...

Apesar de tudo, prevaleceu a cobiça nos chefes de um barco, que pouco depois pereceu com toda a tripulação num assalto aos selvagens...
É a justiça de Deus!

Se o zelo da honra de Deus o obrigava a clamar publicamente contra a pressão aos índios e as desordens dos colonos, fazia-o acudir com solícita caridade e ainda com milagres, pelos interesses temporais de todos e pelo bem de suas almas.
Irmão José, está faltando azeite. O barril do Colégio está seco e não poderemos mais servir aos pobres.
Irmão, nas necessidades não deixeis de acudir ao vosso barril, que Deus é Pai e fará com que não falte azeite.

Mas o barril está vazio. Só mesmo um milagre, Irmão...
Irmão Antônio Ribeiro, onde está a vossa fé?...

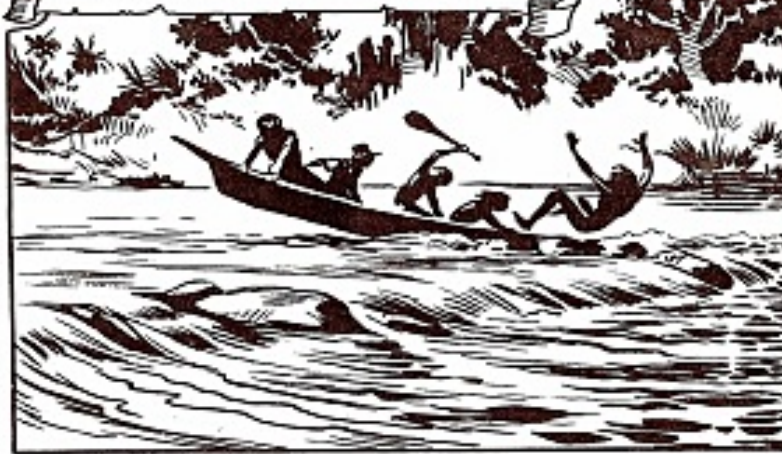
Voltando à despensa, o Padre Antônio encontrou azeite no barril. E assim continuou por mais dois anos, quando chegou de Portugal o navio que trazia provisões para o Colégio. Realizara-se mais um milagre de Anchieta.

Entre os inúmeros prodígios que ao servo de Deus fizeram dar o nome de "Francisco Xavier da América" e "Taumaturgo do Novo Mundo", é notável o seguinte: na vila de Santos, em casa de Domingos Dias, homem nobre daquele lugar, morreu um índio chamado Diogo, tido como cristão...
Senhor Domingos, o índio Diogo acaba de falecer...
Pois enterrem-no...
Nesse momento, D. Grácia Rodrigues, a senhora da casa, foi ver o morto, que se ergueu e disse...
Senhora, mande chamar o Padre Anchieta para me batizar...
O Padre Anchieta está em São Vicente, a duas léguas daqui...
O Padre não está em São Vicente: está perto do riacho que corre junto à vila, e de onde me mandou voltar e entrar no meu corpo, para me batizar...
Apesar do assombro, D. Grácia mandou procurar o Apóstolo no local indicado pelo índio que ressuscitara...
Vão procurar o Padre Anchieta no riacho... Digam-lhe que Diogo morreu e viveu de novo... Que isto é um milagre...
Anchieta foi encontrado no lugar que o índio indicara. Veio sem demora.
Irmão Diogo, onde está o relicário que me mostraste no caminho?...
Aqui está, Padre.
Então, entre as lágrimas dos assistentes, batizou-o Anchieta, dizendo que por aquele único batismo considerava bem empregada sua vinda ao Brasil.
Descansa em paz, irmão Diogo, pois esse é o prêmio que o Senhor dá às almas que O buscam com sinceridade...

Na "História do Colégio do Rio de Janeiro e suas Residências", acha-se referido outro milagre de Anchieta. Diz que "havia em São Vicente uns mestiços, homens esforçados; um destes, sem temor de Deus, se foi com mulher e filhos para o deserto entre os gentios"...

"Levou consigo um homem branco casado, Domingos Luís Grou, com toda a sua família, para viver à sua vontade, mais como gentios que como cristãos"...

"O Padre, com desejo de remediar aquelas almas, foi com o Padre Vicente Rodrigues em companhia de um homem branco, Manuel Veloso, e alguns índios"...

"Iam em uma canoa por um rio abaixo... com o ímpeto da água que descia, sumiu-se a embarcação e nunca mais apareceu. Foram-se todos ao fundo e saiu nadando o homem branco com alguns índios, depois o Padre Vicente Rodrigues que sabia nadar alguma coisa"...

"O Padre José não sabia nadar e assim esteve grande tempo debaixo d'água, encomendando-se a Deus e à Virgem Nossa Senhora, de quem é muito devoto..."

"Um índio (Araguaçu) por duas vezes foi ao fundo em sua busca... e assim o tirou a salvo, sem ter bebido muita água"...

"Foram então todos pelo mato a dentro, por grandes montes e arvoredos sem achar caminho, mortos de frio e bem molhados e assim, de noite, tenteando, foram dar com o caminho que ia para a aldeia onde aqueles homens estavam"...:

"Vendo chegarem os Padres daquela maneira, moveu-lhes Deus o coração à compaixão, pois, para remediar suas almas, tinham os Padres tomado tanto trabalho e, depois de ter descansado alguns dias, tornaram com eles a São Vicente"...

Em São Vicente...
Que foi que houve com a canoa que embarcou, Padre José?
Não percebi quando ela naufragou, porque estava rezando as horas de Nossa Senhora da Conceição, e assim, assentado como estava, me fui ao fundo e continuei com a reza, sem que a água me fizesse mal.

"Este caso ficou célebre, diz Simão de Vasconcelos, não só em São Vicente, mas em todo o Brasil e se acha referido por muitas testemunhas nos processos de canonização."

Numa das muitas vezes que ia pela costa dura e árida de Itanhaem, entrando pela mata, encontrou Anchieta um índio muito velho, sentado ao pé de uma árvore...
Vem depressa, Padre, que há muito aqui te espero...
Quem és, meu bom velho?...

Pela resposta, entendeu que o selvagem não era de Itanhaem nem parecia do Brasil, mas que por virtude divina fora ali trazido, e não por forças humanas, pois era o índio tão velho, que não as poderia ter...
Padre, eu procuro o caminho de uma vida eterna...
Vou explicar-lhe os mistérios da religião e, depois, batizá-lo...

Anchieta recolheu água de chuva de entre alguns cardos...
Eu te batizo com o nome de Adão, em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo...
Obrigado, Padre... Agora, morrerei feliz...
E, em seguida, o índio Adão entregou a alma ao Criador...

Numa das vezes em que foi visitar uns índios amigos que moravam perto da Fortaleza de Bertioga, pediu Anchieta para passar a noite na ermida de Nossa Senhora, que estava a trinta passos da Fortaleza...
Eu o acompanharei até lá, Padre, pois está muito escuro...
Obrigado, Afonso Gonçalves.

Já na ermida...
Se não se incomoda de ficar no escuro, Padre, levarei a lanterna de volta...
Pode levá-la, Afonso, pois que estou em boa companhia, a companhia de Nossa Senhora...

Alta noite, quando todos dormiam, a mulher de Afonso Gonçalves despertou e viu a ermida cheia de luz. Acorda o marido e mostra-lhe o prodígio...
Veja, marido, como está a capela iluminada. E que música divina enche a noite...
É verdade... e vou até lá investigar...

Mas Afonso Gonçalves não pode dar um só passo para fora de casa.

Nestas horas de oração que se prolongavam pela noite a dentro é que o santo Apóstolo, a exemplo do Divino Mestre, se robustecia para suas pesadas fadigas e atraía sobre elas as bênçãos de Deus.

Muitos outros fatos extraordinários se contam destes anos em que Anchieta foi Superior em São Vicente. Certa vez, ao pregar em Itanhaem na véspera da festa da Conceição de Nossa Senhora, cuja devoção não cessava de promover, encosta-se ao púlpito como que desmaiado. Perturba-se o auditório, mas o Padre logo continua...
Quereis saber as mercês da Virgem? Pois ainda agora voltou de assistir a uma devota sua que a tinha chamado; por sinal que traz os vestidos umedecidos de orvalho...

E assim era. O povo correu para ver a imagem e encontrou-a com as vestes úmidas. Era mais um milagre do Apóstolo.

Dez anos esteve Padre Anchieta em São Vicente, onde o deixara como Superior o Beato Inácio de Azevedo, em 1567. Confirmado no ofício pelo Provincial Inácio de Tolosa, ali permaneceu até que o mesmo Padre o levou consigo para a Bahia, em 1577.

E no Colégio da Bahia...
Que vem aqui fazer esse Padre corcunda?...
Assim é, assim é, meu Irmão, entre tantos, só vós me conhecestes. Que venho eu fazer aqui, um homem inútil e sem préstimo?...
Envergonhou-se o Irmão e admirou-se juntamente, vendo descobertos seus pensamentos pelo bom Apóstolo.

Mais tarde, conversando com o Irmão Agostinho de Matos e mais outros quatro da Companhia, ali presentes, disse...
Olhai, dizem as velhas que hei de ser Provincial. Vede que costas estas minhas, para tal peso! Dizem mais que hei de ser Reitor da Bahia; virá patente, porém eu não hei de ser.

Assim aconteceu. Anchieta recebeu do Padre Geral Everardo Mercuriano patente para Reitor daquele Colégio. Mas as escusas do Apóstolo e mais a carta dos Irmãos ao Geral, dizendo que não parecia conveniente confiar aquele reitorado a quem era de tão pouca presença, só fizeram aumentar o conceito em que o tinha o Geral, que o nomeou Provincial dos Jesuítas do Brasil.

Tendo ido à Ilha de Itaparica, a três léguas da Bahia, para ouvir a confissão de uma índia enferma que se achava numa rede junto ao fogo, sentara-se o servo de Deus em uma acha de lenha...
Padre, sente-se nesta banqueta, que é mais confortável.
Outro assento me está esperando, para o qual serei chamado antes que daqui me levante, e será de menos gosto para mim...
Não acabara a confissão, quando lhe trouxeram a carta em que o Provincial o chamava à Bahia...
Lida a patente de sua nomeação, o novo Superior lançou-se por terra e beijou os pés a todos, e chorou de alegria por se ver em tão alto ofício...
Sucedia Anchieta ao Padre Inácio de Tolosa, como quinto Provincial do Brasil.
Quantas vezes os poderes do taumaturgo vinham em auxílio à caridade do Santo, para alegrar ou sarar completamente seus irmãos, os colonos e os índios!
Padre, estou com um cobreiro horrível...
Meu filho, vá lavar-se na fonte de Nossa Senhora da Ajuda, que logo alcançará a saúde...
Nos princípios do ano de 1578, chegou à Bahia o novo Governador-Geral, Lourenço da Veiga, que imediatamente, em companhia de Anchieta e dos Padres Vicente Rodrigues e Gaspar Lourenço, foi em visita à aldeia do Espírito Santo, que estava a cargo da Companhia de Jesus.
Senhor Governador, o caminho é longo e cheio de perigos.
Junto a vós nada temo, pois bem sei da vossa fama de santo.

Dias mais tarde, ao atravessarem por uma ponte de varas sobre um rio engrossado pelas chuvas, o cavalo em que viajava o Governador assustou-se, caiu na água e ficou embaraçado nas ramas de uma árvore, nas margens do rio.
Já que ninguém tem coragem para salvar o animal, peço-lhe, Padre Lourenço, que vá livrar o cavalo . . .
Agora mesmo . . .
O obediente religioso, sem considerar o perigo, atirou-se da ponte, foi sair onde estava o cavalo e trouxe-o pela rédea.
Dêem novas roupas a Padre Lourenço, que tem as suas molhadas . . .
Não é necessário, senhor, porque Padre Lourenço não vem molhado . . .
E de fato, as vestes de Padre Lourenço estavam enxutas . . .
Depois do mês de junho, embarcou o novo Provincial para visitar as casas do Sul. Em Bertioga, entre os seus Miramomis, andava muito triste . . .
Por que anda tão triste o Reverendo? . . .
Porque neste dia se preparam grandes trabalhos para o mundo . . .
Passou o tempo e chegou um navio com a notícia da catástrofe de Alcácer-Quibir . . .
É o que lhes digo: a catástrofe se deu no dia 4 de agosto . . .
Foi no dia em que Padre José estava triste . . . Bem o disse ele! . . .

Não menos admiráveis foram as duas seguintes profecias, feitas pelo Padre depois de retornar à Bahia. A primeira aconteceu em 1579, aproximadamente...
Estava na enfermaria, prestes a ser ungido, o Padre Francisco Pinto, natural da Ilha Terceira. Entrando Anchieta para visitá-lo, e abençoá-lo, diz-lhe...
Vossa Reverendíssima queria ir-se ao Céu de mãos lavadas?
É verdade, Padre Provincial...
Pois não há de ser assim, "longa tibi restat via", terá ainda que fazer muito serviço a Deus na Companhia e não morrerá de morte descansada...
Levante-se Vossa Reverendíssima, vá ao coro dar graças ao Santíssimo Sacramento que Ele é servido conceder-lhe saúde...
Muitos anos mais tarde, em janeiro de 1608, depois de um fervoroso apostolado, entrando o Padre Francisco Pinto pelo sertão do Ceará, foi martirizado pelos índios na serra de Ibiapaba.
Bem disse o Padre Provincial que eu não morreria de morte descansada, para maior glória de Deus!...
O outro caso portentoso foi o do pedreiro João Fernandes... Em 1581, passava Padre Anchieta, casualmente, por baixo do campanário do Colégio, quando viu este oficial a pendurar o sino...
João Fernandes, prendei-o bem; sereis vós o primeiro da Companhia em cujo enterro dobrará este sino...

Meses depois, Anchieta foi visitar o pedreiro, que estava muito doente...

João Fernandes, a Virgem Nossa Senhora me manda cá para receber-vos na Companhia. O agradecimento que vos peço desse benefício, que por amor da Senhora vos faço, é que vos lembreis de mim quando estiverdes na sua presença de hoje a sete dias...

Enquanto estava João Fernandes na enfermaria, veio visitá-lo seu amigo e discípulo, Luís Fernandes...

De cara rapada, João?...

E vós, Luís Fernandes, estranhais? Pois deitai as vossas barbas de molho, que pela mesma prova haveis de passar...

Tem isso, meu Padre Provincial, dois grandes impedimentos.

Esses dois impedimentos se hão de tirar, quando Maria for para a praia e o diabo vos quiser levar.

Não entendeu o rapaz o enigma até ao dia em que sua filha casou-se e foi morar na praia, ao mesmo tempo em que os sinos dobravam por sua mulher que entrava em agonia.

Em março de 1582 apareceu inesperadamente no Rio uma esquadra de dezesseis navios. No meio da perturbação geral, chegou o Padre Anchieta a uma janela do Colégio e disse...
Ninguém se inquiete, porque a esquadra não é inimiga: antes, vem nela um bom carpinteiro que entrará na Companhia e será homem de grande virtude.
Com efeito, a armada era a de Diogo Flores Valdez, mandado pelo Rei Felipe II para assegurar o Estreito de Magalhães.
Desembarcando os navegantes, um deles dirigiu-se logo ao Colégio e pediu que chamassem o Provincial. Quando Anchieta chegou, foi logo dizendo...
Vós já estais recebido na Companhia e nela haveis de morrer.
Francisco de Escalante, assim se chamava o carpinteiro, entrou na religião e perseverou até à morte como um santo.
A expedição trazia muitos doentes que, graças a Anchieta, foram carinhosamente recebidos nas casas particulares.
Se é a mando do Padre José, faça de conta que esta casa é sua...
Além de assistir a todos os enfermos, mandava Anchieta distribuir na porta do Colégio, diariamente, aos necessitados, uma arroba de carne e farinha.
Que Deus dê muitos anos de vida ao bom Padre Anchieta.
Tamanha caridade atraiu-lhe logo as simpatias de Diogo Valdez, que ia muitas vezes procurá-lo no Colégio.
Padre, se eu lhe puder ser útil em alguma coisa, disponha.
Mais breve do que possa supor, General, eu lhe farei um pedido...

E dias depois...
O Senhor Padre Provincial pede-lhe a liberdade do prisioneiro João...
Se o Padre José o pede, faça-se; não queira Deus que eu deixe de fazer o que ele me mandar, pois a primeira vez que o vi, nada se me afigurou mais desprezível, mas depois, ouvindo-o e tornando a olhá-lo bem, nunca me senti mais apoucado e reverente, nem mesmo em presença de qualquer majestade.

Até outubro prolongou-se a estada de Diogo Flores no Rio e o apostolado de Anchieta com seus marinheiros.

Em fins de 1584 achava-se novamente no Rio o infatigável operário da vinha do Senhor, depois de haver percorrido as residências do Espírito Santo, com o Visitador, Padre Cristóvão de Gouvêa.
Nessa visita, aconteceu a célebre pescaria da lagoa de Maricá. Enquanto pescavam, o Padre ia-lhes apontando os lanços, que nunca tinham sido tão abundantes...
Joguem a rede ali, que, por certo, Deus Nosso Senhor nos ajudará.

Ao cheiro do peixe acudiam bandos de aves de rapina, mas Anchieta as despedia na língua dos índios, chamando-as para depois da pescaria lhes dar a sua parte.
Irmãs aves, não espanteis os peixes que irão alimentar muitos necessitados. Vinde depois, para ganhar o vosso quinhão...

O mesmo fez com duas onças que apareceram, dizendo-lhes que voltassem mais tarde, para seus companheiros as verem de perto. Como as aves, as onças voltaram.

Como as aves e as feras, até o mar respeitava o santo taumaturgo. Enquanto os índios pescavam, retirou-se um dia a orar. Procurou-o o companheiro e viu-o sentado no meio das ondas que cresciam com a maré e se elevavam ao redor dele, deixando-lhe aberto um caminho até à praia.
Irmão Anchieta! Padre Provincial! É hora do almoço!
Mas Anchieta estava tão absorto em Deus, que não o ouviu. Confiado em seus merecimentos, o Padre animou-se e seguiu o caminho aberto nas águas. Ao retornar com o Apóstolo, notou que as águas se iam fechando logo à sua passagem e, atemorizado, falou...
Padre Provincial, as águas avançam sobre nós...
Irmão, não sabeis que os mares e os ventos obedecem a Deus?...
Finda a pescaria, partiram de volta à cidade, mas, numa paragem do Rio Macacu, perto de um braço de mar, fazia-se sentir o rigor da calmaria.
Esta calmaria e este sol vão nos matar de calor...
Ide, chamai vossos companheiros! Vinde fazer-nos sombra!
Em breve uma imensa nuvem de pássaros se pôs sobre a canoa por uma légua, até que, entrando a viração, Anchieta os despediu...
Agradeço-vos, irmãos pássaros, pela sombra que nos destes. Deus vos recompensará.
Em 1585, acabando a visita, embarcou Anchieta no Rio com o Padre Visitador Cristóvão de Gouvêa e com o Padre Inácio de Tolosa, a quem salvou de grave doença em Cabo Frio. Na altura do Vaza-Barris, desencadeou-se violenta tormenta que durou três dias, durante os quais o Apóstolo pediu para ficar amarrado ao mastro da nau, orando pelos seus irmãos.

Ali o foi buscar um Irmão, que se ajoelhou e o abraçou.
Dá-me a confissão, Padre Provincial.
Não é necessário, que a tormenta já vai passar . . .
Não morreremos, então? Pois vou dar as novas aos outros irmãos, que já se consideram perdidos . . .
Deixai, que nada perdem em se encomendar a Deus.
Pouco depois abonançaram os mares e entraram os religiosos na Bahia.
Oito anos havia que Anchieta era Provincial. A instâncias suas, aliviou-o finalmente o Padre Visitador Cristóvão de Gouvêa de um cargo já demasiado grave para tantas enfermidades, e foi o santo Apóstolo em 1586 residir no Colégio do Rio de Janeiro.
Adoecendo, mas não podendo ver a aflição dos seus irmãos, disse-lhes um dia, Anchieta . . .
Ninguém se entristeça no Colégio, porque eu não morrerei desta vez, nem nesta cidade; no Espírito Santo me esperam meus últimos dias . . .
Com efeito, logo melhorou, foi mandado do Rio àquela Capitania.
Adeus, meus Irmãos. Agora, só nos encontraremos no Reino dos Céus . . .
O zelo ardente não morrera no peito do infatigável missionário. Apesar de entrado nos anos, não esmorecia nas suas santas ocupações. Em 1594, recolheu-se finalmente à Capitania do Espírito Santo, onde, pouco depois, foi nomeado Superior do Colégio e suas Residências.

Mandaram-lhe então, da Bahia, por discípulo, ao Irmão João de Almeida, que lhe havia de suceder nas virtudes, na penitência, no apostolado, nos milagres e cujo maior elogio foi o de imitador perfeito do Padre Anchieta, e segundo taumaturgo do Brasil.
Também a Capitania do Espírito Santo, como o Rio de Janeiro e Piratininga, deveu por duas vezes a salvação a Anchieta. A primeira vez, acordou um noviço e disse-lhe...
Ide a toda pressa ao Capitão, que digo eu mande tocar a caixa e prepare-se para a defesa, porque hão de vir corsários... corsários...
O Padre Provincial me mandava licença para que eu estivesse em qualquer parte da Província que quisesse. Não quis tanta liberdade, porque sói ser causa de cegueira e errar o caminho, não sabendo o homem escolher o que lhe convém. E fora grande desatino, havendo eu quarenta e dois anos que deixei em tudo a livre disposição de mim na mão dos Superiores, querer agora no cabo de minha velhice dispor de mim.
Em outra ocasião, mandou o porteiro do Colégio tocar os sinos, e avisou a cidade de um assalto que os inimigos queriam dar no dia seguinte.
Mais tarde, acabado pelas enfermidades e tendo deixado o cargo de Superior, voltou a Reritiba, de onde escreveu ao Padre Inácio de Tolosa a 9 de dezembro de 1595...
Pus-me nas mãos do Padre Fernão Cardim, Reitor do Colégio do Rio de Janeiro, e ordenou Nosso Senhor que acompanhasse ao Padre Diogo Fernandes nesta aldeia de Reritiba, para o ajudar na doutrina aos índios, com os quais me dou melhor que com os portugueses, porque aqueles vim buscar ao Brasil e não a estes; e já poderá ser que ordene a Divina Sapiência que acompanhe ao mesmo Padre em alguma entrada ao sertão a trazer alguns deles ao grêmio da Igreja.
Pois não mereço por outra via ser mártir, ao menos me ache a morte desamparado em alguma destas montanhas, "ubi ponam animam meam pro fratribus meis".

Pelo ano de 1596 recebeu uma carta do Superior do Colégio manifestando-lhe o desejo de receber os seus conselhos, e voltou para Vitória, onde, mais uma vez, foi nomeado Superior da casa até que chegasse o Padre Pedro Soares, destinado para esse cargo.
Depois de cinco ou seis meses, tendo Anchieta entregue o governo da casa ao novo Superior, voltou para sua aldeia. Os índios saíram a recebê-lo com os costumados sinais de alegria, muitos prantos e tristes lamentações.

O Apóstolo estava tão cansado que, mal pisou na aldeia, adoeceu.
É chegada a minha hora... Irmãos, dai-me o Santo Viático e a Extrema-Unção...

Abraçando as imagens de Jesus Cristo e da Santíssima Virgem, entrou logo Anchieta em artigo de morte, assistido por cinco religiosos da Companhia, que residiam nas aldeias dos índios. Era o domingo, 9 de junho de 1597. Falecia o Apóstolo do Brasil com a idade de 63 anos...

Divulgando-se a notícia de sua morte, despovoaram-se as aldeias dos índios, que acorreram todos a venerar os restos mortais do santo.

Levaram os Padres o corpo do venerável ancião em procissão para a cidade, indo à frente a cruz erguida pelo Padre João Fernandes e grande multidão de índios que, com seus cantos fúnebres, enchiam os ares de tristes lamentos...
Receberam-no os religiosos da Companhia em sua igreja, celebraram o ofício fúnebre com toda a solenidade e no dia seguinte cantaram a Missa, na qual o Prelado fez o elogio do defunto, chamando-o, então, de o Catequista das Selvas, Apóstolo do Brasil. Anchieta foi sepultado na Capela de São Tiago, junto à sepultura do seu amigo Gregório Serrão.
FIM

O voto de castidade

O mestre de Piratininga

Chegada a Iperoyg

O poema na praia

Vida Ilustrada do VENERÁVEL PADRE JOSÉ DE ANCHIETA DA COMPANHIA DE JESUS

APÓSTOLO DO BRASIL

"A glorificação de Anchieta é, antes de tudo, o reconhecimento de nossas origens católicas, a veneração do batismo nacional" — Joaquim Nabuco.

Chegada ao Rio de Janeiro

O Apóstolo do Brasil

A REPRODUÇÃO dos baixos-relevos desta página, devidos ao artista D. Mastroianni, foi possível graças à 3.ª edição de um livro que, sob o título desta mesma página, foi publicado em 1939, pela "Vice-Postulação do V. P. Anchieta", e destinado a promover a Beatificação do Apóstolo do Brasil. "Anchieta melhor conhecido será também mais admirado e amado", lê-se na introdução dessa obra. Divulgando, em quadrinhos, a Vida do Catequista das Selvas, fazemos a nossa parte.

O índio Diogo

Anchieta e Valdez

Os guarás

O cortejo fúnebre

Aprovado pela Comissão Nacional de Moral e Civismo, do Ministério da Educação e Cultura, nos termos e para os efeitos do § 1º do art. 10, do Decreto Nº 68.065, de 14 de janeiro de 1971.

Rua Gen. Almério de Moura, 302-320
20 000 Rio de Janeiro (RJ) ZC-08

NATAL DO IRMÃO JOSÉ

Poema de MURILO ARAUJO

Era noite
e Natal.

Anchieta estava só.
Em Jurujuba
trançava a chuva em fino mineral.

Um céu de febre. O temporal gemia,
chorava o mar a desgrenhar a juba...

Mas para o irmão Anchieta era dia,
era dia —
um dia celestial.

Só e feliz, murmurou: — Vou armar o presepe.

Tomou de um Deus Menino (ali a única imagem),
avançou pela sombra de crepe
em pés nus,
e, sob uma lapinha entre a chuva selvagem,
deitou piedosamente o Menino Jesus.
Depois silencioso, em plena tempestade,
se ajoelhou na sobrehumana adoração.

Quando, instantes depois, ergueu a fronte,
o luar lantejoulava o mar em claridade,
e as estrêlas de aljôfre enfeitavam o horizonte.
Um milagre talvez da singela oração!

Um boi, um jumentinho adolescente
e carneiros de lã enovelada
olhavam para a lapa enternecidamente;
a flor-da-noite ornava a losa ainda molhada
em trancelins de flôres;
alguns índios talvez pela encosta molhada
desciam docemente ao jeito dos pastôres;
sôbre a gruta silvestre entre albores no céu
uma auréola fulgia,
e os anjinhos formavam na teoria
gloria in excelsis Deo.

Voltou-se o frade humilde e num clarão de aurora
viu junto do Menino um vulto constelado...

Era Nossa Senhora!

E Anchieta, que tremia deslumbrado,
só estranhou que o espôso de Maria
não mostrasse também o vulto iluminado
junto ao berço da Fé.

Então surgiu-lhe às mãos um ramo de açucena...
E a Virgem, que sorria,
respondeu-lhe com voz compassiva e serena:
— A imagem do Patriarca és tu, irmão José.